

## **ESTUDO EM TEMPO REAL DA MONOTONGAÇÃO DO DITONGO DECRESCENTE /ej/ EM AMOSTRA DE PORTO ALEGRE<sup>1</sup>**

### **REAL-TIME STUDY OF THE FALLING DIPHTHONG /ej/ MONOPHTHONGIZATION IN SAMPLE FROM PORTO ALEGRE**

Eduardo Elisalde Toledo\*

**Resumo:** No Português Brasileiro, os ditongos orais decrescentes [ej], [aj] e [ow] podem sofrer a aplicação de uma regra variável de apagamento do glide palatal [j] ou velar [w], como em peixe~pexe, caixa~caxa e ouro~oro. Em nosso estudo, procedemos à análise em tempo real da alternância variável de [ej] e [e] na comunidade de fala de Porto Alegre, RS. Selecionamos uma amostra de 14 informantes da cidade de Porto Alegre (RS) do banco de dados do Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta), entrevistados nos anos 1970 e recontatados no final dos anos 1990 pelo Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana do Sul do País), totalizando, assim, 28 entrevistas. Procedemos à coleta e codificação de 1791 dados. Os dados codificados foram submetidos ao programa de análise estatística GoldVarb 3.0. Nossa análise em tempo real dos resultados, visando à observação do comportamento da variável em termos de contemporização ou mudança em progresso (cf. LABOV, 2008), identificou a monotongação de [ej] como um fenômeno estável de variação.

**Palavras-chave:** Ditongo decrescente; Monotongação; Variação lingüística e mudança

**Abstract:** In Brazilian Portuguese oral falling diphthongs, the glides [j] and [w] may be deleted according to a variable rule, as in peixe~pexe, caixa~caxa and ouro~oro. In our study, we proceed to the real-time analysis of the switching variable [ej] and [e] in the speech community of Porto Alegre, RS. We select a sample of 14 informants in the city of Porto Alegre (RS), from the NURC Project database, interviewed in the 1970s and recontacted in the late 1990 by VARSUL Project, thus totalizing 28 interviews. We proceed to the collection and coding of 1.791 data. The coded data were submitted to statistical analysis program GoldVarb 3.0. In order to observe the behavior of the variable in terms of stability or change in progress (LABOV, 1994), our real-time analysis of the results identified the monophthongization of [ej] as a stable phenomenon of variation.

**Keywords:** Falling diphthong; Monophthongization; Language variation and change.

---

1 Este artigo resume a dissertação intitulada "A monotongação do ditongo decrescente /ej/ em amostra de recontato de Porto Alegre".

\* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.

## Introdução<sup>2</sup>

No português brasileiro, ditongos – a combinação de uma vogal e uma semivogal (glide) – podem apresentar uma sequência crescente (glide seguido de vogal) ou decrescente (vogal seguida de glide). Esse dois tipos de ditongos comportam-se de modo diverso: ditongos crescentes podem alternar, de forma variável, com o hiato (como em *te.o.ria* ou *te.o.ri.a*); já ditongos decrescentes podem sofrer aplicação de regra variável de monotongação. Neste artigo, abordaremos o fenômeno de monotongação no ditongo decrescente /ej/, como em *p[ej]xe~p[e]xe*.

Conforme o Quadro 1, o português brasileiro pode apresentar as seguintes combinações para a formação de ditongos decrescentes:

Quadro 1 – Os ditongos decrescentes no português brasileiro (TOLEDO, 2010)

Vogal + glide palatal [j]		Vogal + glide labiovelar [w]	
aj	pai	aw	saudade
ej	leite	ew	esqueceu
oj	moita	ow	ouriço
uj	fui	iw	pediu
ɛj	pastéis	ɛw	réu
ɔj	herói	ɔw	sol

Dentre esses ditongos, alguns podem sofrer uma regra variável de apagamento do glide. Há um consenso entre os estudos sobre variação de ditongos de que a aplicação dessa regra de redução ocorre somente nos ditongos [ow], [ej] e [aj], conforme pode ser visto no Quadro 2.

2 Alguns dos quadros e resultados apresentados neste artigo já foram abordados no estudo “A Monotongação do Ditongo Oral Decrescente [ej] em Porto Alegre”, publicado em *Cadernos do IL* (Porto Alegre, n. 40, junho de 2010. p. 134-160).

Quadro 2 – Monotongação de ditongos decrescentes (TOLEDO, 2011)

Ditongo decrescente	Forma com manutenção do ditongo	Forma com apagamento do ditongo
[ow]	l[ow]co	l[o]co
[ej]	f[ej]ra	f[e]ra
[aj]	c[aj]xa	c[a]xa

A regra variável de redução dos ditongos no Rio Grande do Sul já foi estudada por Bisol (1989), Cabreira (1996) e Amaral (2005). Neste estudos, há consenso sobre a influência do fator contexto fonológico seguinte. Porém, no que se refere aos outros fatores linguísticos e sociais, diferentes conclusões são registradas.

Com base nas representações de sílabas leves e pesadas, Bisol (1989) propõe que os ditongos sejam divididos em duas classes: ditongos leves, com rima simples, e ditongos pesados, com rima ramificada. Dessa classificação decorre uma tendência que pode ser observada em fenômenos de natureza variável: ditongos com rima ramificada tendem a ser preservados, enquanto aqueles com rima simples tendem a ser perdidos. Cabreira (1996) descreve o fenômeno da monotongação de ditongos decrescentes (/ej/, /aj/ e /ow/) nas três capitais da Região Sul, Porto Alegre (RS), Curitiba (PR) e Florianópolis (SC). Amaral (2005) descreve a variação do ditongo /ej/ nas comunidades de fala de São Borja, Panambi e Flores da Cunha (RS).

Em nosso estudo, procedemos à análise em tempo real da alternância variável de /ej/ e /e/ na comunidade de fala de Porto Alegre, RS. Selecionamos uma amostra de 14 informantes da cidade de Porto Alegre (RS) do banco de dados do Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta), entrevistados nos anos 1970 e recontatados no final dos anos 1990 pelo Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana do Sul do País), totalizando, assim, 28 entrevistas. Procedemos à coleta e codificação de 1.791 dados. Os dados codificados foram submetidos ao programa de análise estatística GoldVarb 3.0.

Este artigo está organizado como segue. Na seção 2, apresentamos os princípios da Teoria da Variação que norteiam nosso estudo. Na seção 3, descrevemos as etapas que constituíram nossos procedimentos metodológicos. Na seção 4, apresentamos e analisamos os resultados fornecidos pelo programa estatístico GoldVarb 3.0 para nossa

análise em tempo real. E, finalmente, na seção 5, apresentamos nossas considerações finais.

## 1 Revisão Teórica

Nesta seção, apresentamos uma breve revisão das principais ideias que constituem a Teoria da Variação, dando ênfase ao papel essencial desempenhado por William Labov.

A Teoria da Variação, também conhecida como Sociolinguística Quantitativa, tem como marco inicial o ano de 1963, quando William Labov apresentou seu primeiro estudo sociolinguístico no encontro anual da Linguistic Society of America. Nesse ano, Labov também publicou “The social motivation of a sound change” (CHAMBERS, 2003, p. 2).

Essa teoria objetiva descrever a língua em uso. Em oposição aos modelos de língua abstratos, que isolam a língua de seu contexto de uso, propostos pelo Estruturalismo e pelo Gerativismo, a Teoria da Variação concebe a língua como resultado da interação social entre os falantes de uma comunidade; logo, a relação entre língua e sociedade é essencial para esse modelo teórico.

Também advém da concepção heterogênea da linguagem a preocupação em descrever o modo como as línguas mudam no decorrer do tempo. Há dois modos de observar-se a variação no tempo: a análise em tempo aparente e a análise em tempo real. A análise em tempo aparente demonstra padrões diferenciados de uso da língua distribuídos entre diferentes faixas etárias; já a análise em tempo real revela o quanto a frequência de determinada aplicação de uma regra variável mudou ou não de um ponto temporal a outro em uma comunidade de falantes.

William Labov é o autor dos estudos mais representativos da Teoria da Variação. Em “The social motivation of a sound change” (1963), Labov descreveu a variação dos ditongos /aj/ e /aw/ na comunidade norte-americana da ilha de Martha's Vineyard. Em sua análise, o autor observou a atuação de uma variável social influenciando a aplicação da regra variável: a identidade linguística dos falantes. Os habitantes que não almejavam mudar-se para o continente e identificavam-se com as tradições da ilha centralizavam a vogal /a/ com mais frequência do que os falantes que aspiravam a uma vida fora de

Martha's Vineyard; esse estudo resultou em sua dissertação de mestrado.

Em sua tese de doutorado, “The social stratification of English in New York City” (1966), Labov procedeu a vários estudos sociolinguísticos na cidade de Nova Iorque, por meio da coleta de dados de fala. Em um desses estudos, o autor observou o fenômeno variável de apagamento do /r/ em posição pós-vocálica. Ao analisar o comportamento linguístico de atendentes de três grandes lojas de departamento – Sacks, Macy's e S. Klein –, Labov pode observar um padrão de uso que remetia ao estrato social a que cada loja pertencia. Segundo os resultados desse estudo, os informantes das lojas de classe alta e média apresentaram um índice mais alto de manutenção de /r/ do que os usuários da loja de classe baixa. A grande conquista desses estudos foi revelar a importância do papel de variáveis sociais como identidade e estratificação social para o fenômeno linguístico da variação.

A língua como uma estrutura heterogênea é a concepção que subjaz à teoria variacionista, ou seja, o modo como a língua se estrutura determina a variação em seu uso (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968). Desse modo, os fenômenos de variação se tornam o objeto da análise linguística nos estudos dessa teoria.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (1968, p. 121), a Teoria da Variação e Mudança se propõe a responder aos seguintes problemas empíricos:

- os fatores condicionantes: descrição dos fatores linguísticos e sociais que influenciam a aplicação de uma regra variável;
- a transição: descrição da transição de um sistema linguístico para outro;
- o encaixamento: descrição de como um fenômeno variável está implicado na estrutura linguística e social;
- a avaliação: descrição dos correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis num sistema heterogêneo;
- a implementação: descrição das motivações sociais e linguísticas para a deflagração de um fenômeno de variação.

## 2 Metodologia

Nesta seção, apresentamos nossos procedimentos metodológicos. Primeiramente, descrevemos a amostra que utilizamos: entrevistas dos projetos NURC e VARSUL. Em seguida, trazemos a estratificação dos informantes nas variáveis sociais *sexo* e *idade*.

Com o objetivo de fazer uma análise em tempo real, em busca de indícios de uma possível mudança linguística relacionada à variação nos ditongos, selecionamos uma amostra de informantes da cidade de Porto Alegre do Projeto Norma Urbana Culta (NURC), entrevistados na década de 1970, que foram recontatados na década de 1990 pelo Projeto Variação Linguística no Sul (VARSUL). Nessa amostra, havia 14 informantes, 8 homens e 6 mulheres. Todos os informantes possuíam formação escolar universitária, devido aos objetivos do Projeto NURC; logo, o fator social escolaridade não pode ser incluído entre as variáveis sociais.

Nossa amostra foi dividida segundo as faixas etárias 20-29, 30-39, 40-49 e mais de 50 anos; cada faixa possui o mesmo número de informantes masculinos e femininos, exceto a a faixa de 40-49 anos, em que há o dobro (4) de informantes masculinos em comparação ao número de informantes femininos (2).

Em seguida, procedemos à oitiva de 28 gravações, em que foram coletados 1.791 dados (760 referentes ao Projeto NURC e 1.031 provenientes do Projeto VARSUL). Concluída a coleta dos dados, passamos à sua codificação.

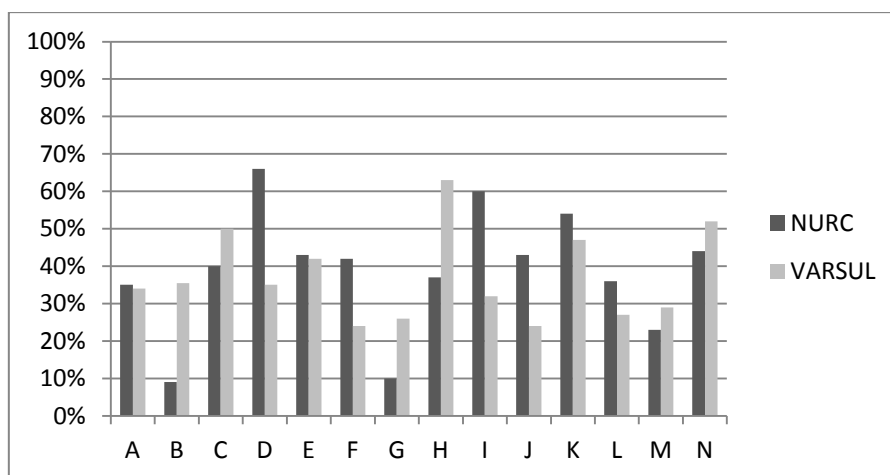
Os dados codificados foram submetidos ao programa estatístico GoldVarb 3.0.

## 3 Resultados

Nesta seção, trazemos os resultados e a análise em tempo real da distribuição do fenômeno de monotongação de /ej/ em nossa amostra de Porto Alegre.

No que se refere a diferenças de comportamento linguístico intraindividual, apesar de pouca diferença de *tokens* entre os diferentes períodos de tempo, há uma pequena mudança de uso de monotongação através do tempo, conforme pode ser observado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Frequência de Monotongação de [ej] por Informante (TOLEDO, 2010)



No Gráfico 1, temos a distribuição da frequência de monotongação de [ej] por informante, em dados do NURC e do VARSUL. Como podemos perceber a partir da análise comparativa de cada informante, não há uma tendência uniforme de elevação ou diminuição da frequência de monotongação no decorrer do tempo: temos casos de diminuição significativa (informante D) e casos de aumento significativo (informante B). Em termos gerais, há 7 casos de informantes que têm a frequência de monotongação aumentada no decorrer do tempo e 7 de informantes que diminuem essa frequência de monotongação, o que demonstra que não há uma tendência definida de uso da monotongação entre os 14 informantes.

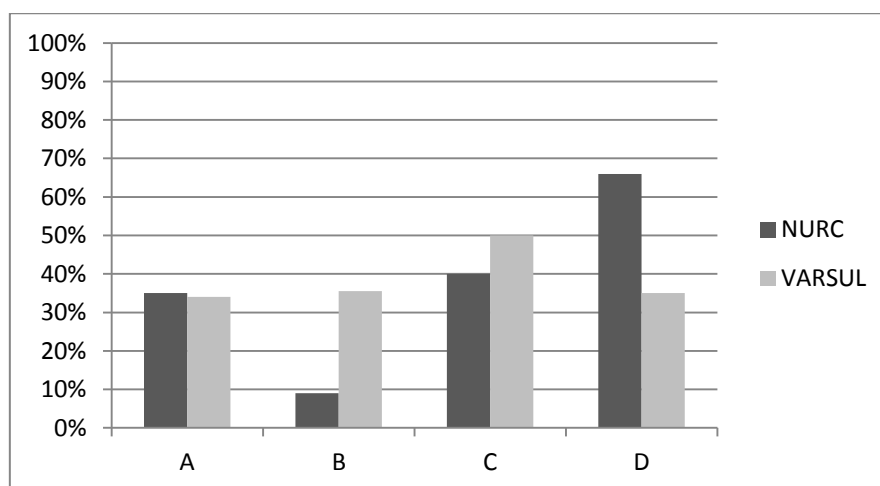
Essa variação no indivíduo é esperada dentro da noção de comunidade linguística. Entretanto, deve-se considerar, já que esse resultado retrata o uso da língua pela mesma pessoa, no passar dos anos, o número de *tokens* utilizado no léxico que o informante apresenta na entrevista ou no momento em que é gravada sua fala. Além disso, a palavra que o indivíduo utiliza pode não ser a mesma nas duas coletas dos dados.

Diante da ausência de uniformidade entre as frequências de monotongação dos informantes, resolvemos observar o comportamento dos informantes conforme a distribuição em faixas etárias (1, 2, 3 e 4), a fim de identificar um padrão de uso uniforme da monotongação.

Em geral, estudos em variação identificam o uso de variantes “novas” com falantes mais jovens (GUY, 2008, p. 384). Nos estudos sobre variação dos ditongos, os

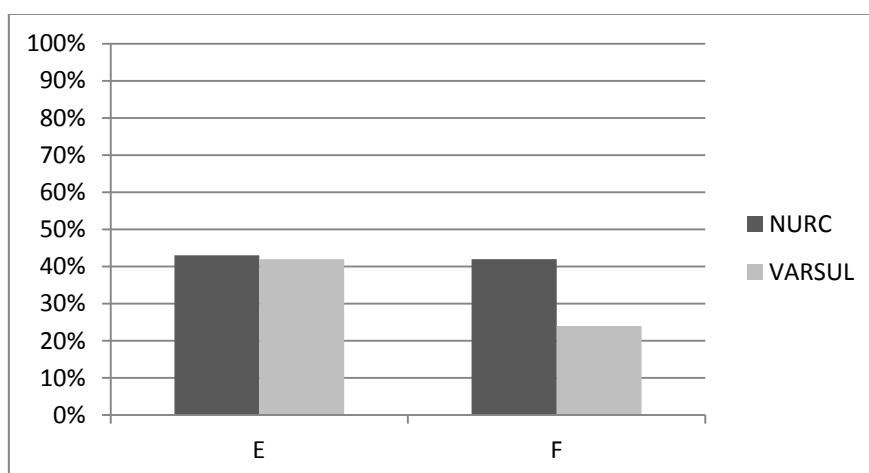
fatores sociais não são objeto de consenso. Apenas para Amaral, a Idade foi considerada uma variável importante para a variação de ditongos – jovens reduzem mais –; os resultados do estudo de Cabreira indicam uma diferença pouco expressiva entre jovens e velhos, mas os velhos apresentam o valor mais alto. Em nossa pesquisa, optamos por estratificar nossa amostra em 4 faixas etárias: 20-29; 30-39; 40-49; mais de 50 anos.

Gráfico 2 – Frequência de Monotongação de [ej] por Faixa Etária 1



No Gráfico 2, temos a distribuição da monotongação nos informantes da Faixa Etária 1 (20-29 anos (NURC); 47-56 anos (VARSUL)). Aqui, não se observa uma tendência uniforme de monotongação entre os informantes no decorrer do tempo: os informantes A e D diminuíram a frequência de monotongação, enquanto os informantes B e C aumentaram sua frequência de uso da variante.

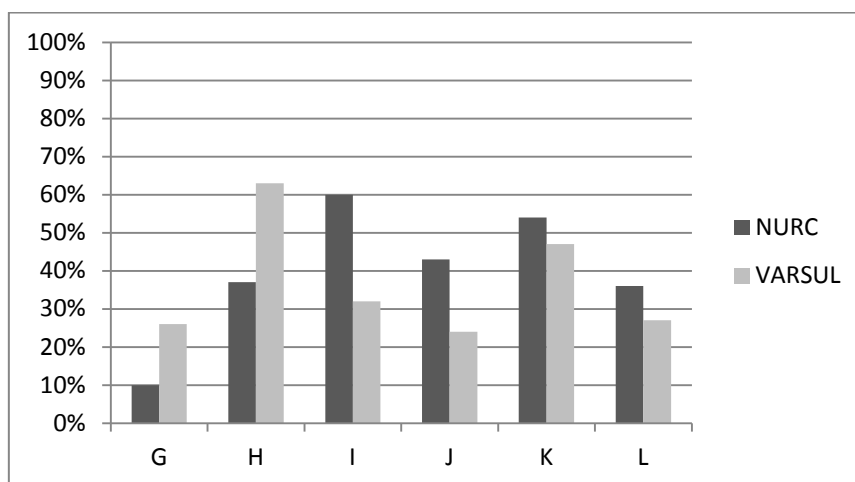
Gráfico 3 – Frequência de Monotongação de [ej] por Faixa Etária 2





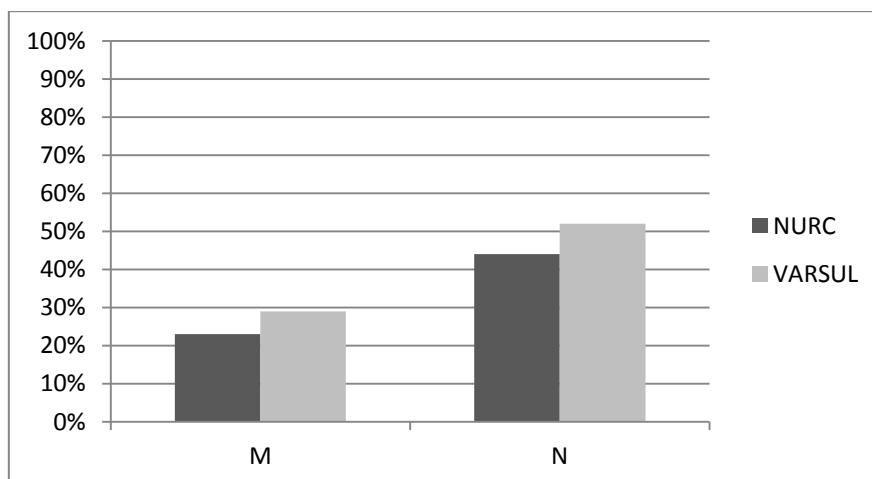
No Gráfico 3, temos a distribuição da monotongação nos informantes da Faixa Etária 2 (30-39 anos (NURC); 57-66 anos (VARSUL)). Os dois informantes, E e F, não apresentam uma tendência uniforme de uso da monotongação no decorrer do tempo: enquanto E aumentou sua frequência, F diminuiu essa frequência.

Gráfico 4 – Frequência de Monotongação de [ej] por Faixa Etária 3



No Gráfico 4, temos a distribuição da monotongação pelos informantes da Faixa Etária 3 (40-49 anos (NURC); 67-76 anos (VARSUL)). Observamos nessa faixa uma tendência predominante de diminuição no uso da monotongação no decorrer do tempo. Entre os seis informantes, G, H, I, J, K e L, apenas dois, G e H, aumentaram sua frequência de monotongação.

Gráfico 5 – Frequência de Monotongação de [ej] por Faixa Etária 4

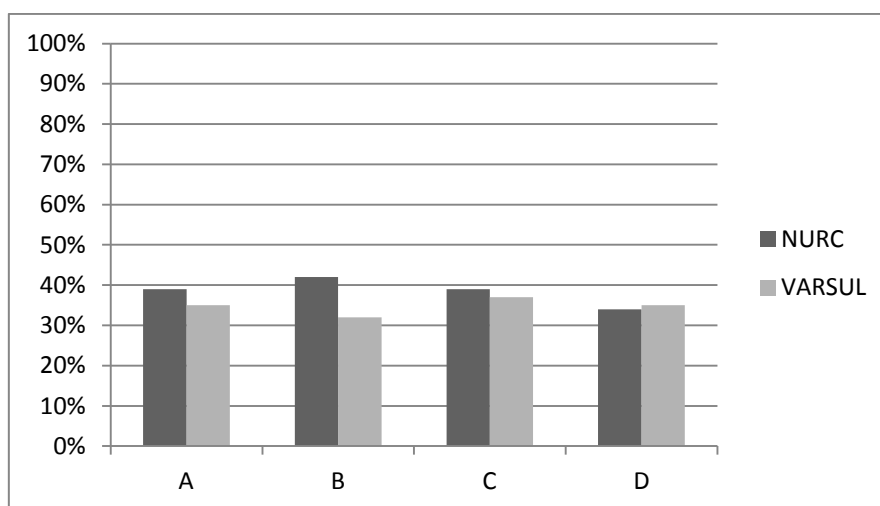


No Gráfico 5, temos a distribuição da monotongação pelos informantes da Faixa Etária 4 (mais de 50 anos (NURC); mais de 77 anos (VARSUL)). Os informantes que compõem essa faixa apresentam comportamento semelhante: ambos aumentaram sua frequência de uso da monotongação no decorrer do tempo.

Os Gráficos 4 e 5 parecem indicar que há uma tendência uniforme porém inversa entre os informantes das Faixas Etárias 3 e 4: os informantes de 3 diminuíram a frequência de monotongação, e os de 4 aumentaram essa frequência no decorrer do tempo.

Em relação à faixa etária, já se pode observar uma pequena diminuição uniforme entre os três primeiros períodos; o quarto período apresenta um diminuto acréscimo.

Gráfico 6 – Frequência de Monotongação de [ej] por Faixa Etária (TOLEDO, 2010)



As letras A, B, C e D no Gráfico 6 correspondem às seguintes faixas etárias:

A: 20-29 anos (NURC); 47-56 anos (VARSUL).

B: 30-39 anos (NURC); 57-66 anos (VARSUL).

C: 40-49 anos (NURC); 67-76 anos (VARSUL).

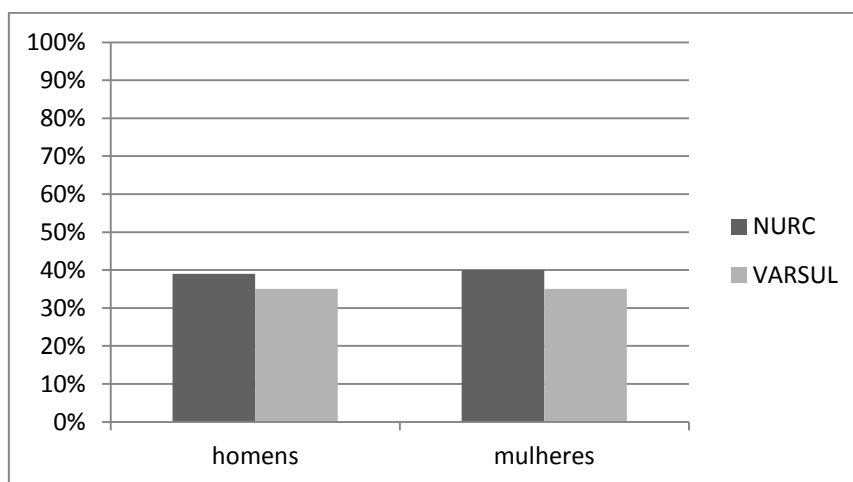
D: mais de 50 anos (NURC); mais de 77 anos (VARSUL).

Conforme já havíamos observado no Gráfico 5, há uma tendência de aumento da aplicação de monotongação para a faixa etária 4 (D). O Gráfico 6 revela o padrão diferenciado dessa faixa em comparação às outras três (A, B e C), cuja tendência de aplicação da monotongação é reduzida no decorrer do tempo. Essa diminuição

observada nas três faixas etárias não se assemelha à frequência de aplicação na variável sexo com o passar do tempo.

Estudos em variação apontam que formas inovadoras são utilizadas em maior frequência por mulheres (GUY, 2008, p. 389). O sexo feminino é citado por Cabreira como aquele que influencia a regra variável de monotongação de /ej/; enquanto, em Amaral, essa variável não é considerada na análise.

Gráfico 7 – Frequência de Monotongação de [ej] por Sexo (TOLEDO, 2010)



Conforme vemos no Gráfico 7, para ambos os sexos, não há uma alteração significativa da frequência de monotongação de [ej] com o passar dos anos. Isso pode ser um indício do papel pouco relevante dessa variável social na aplicação dessa regra variável. Também podemos perceber que a pequena diferença de frequência de uso da monotongação entre homens e mulheres da amostra do NURC (39%, homens; 40%, mulheres) é neutralizada na amostra do VARSUL (35%, homens e mulheres). Contudo, não é possível fazer afirmações sobre o papel do sexo, tendo em vista que a amostra não é equilibrada quanto ao número de informantes masculinos e femininos, além de falarmos aqui sobre a frequência de realizações.

Obtivemos 760 dados com ditongos [ej] no NURC e 1.031, no VARSUL, havendo 302 ocorrências de aplicação de monotongação no primeiro período e 365, no segundo.

Gráfico 8 – Frequência Global da Monotongação de [ej] em dados do NURC (TOLEDO, 2010)

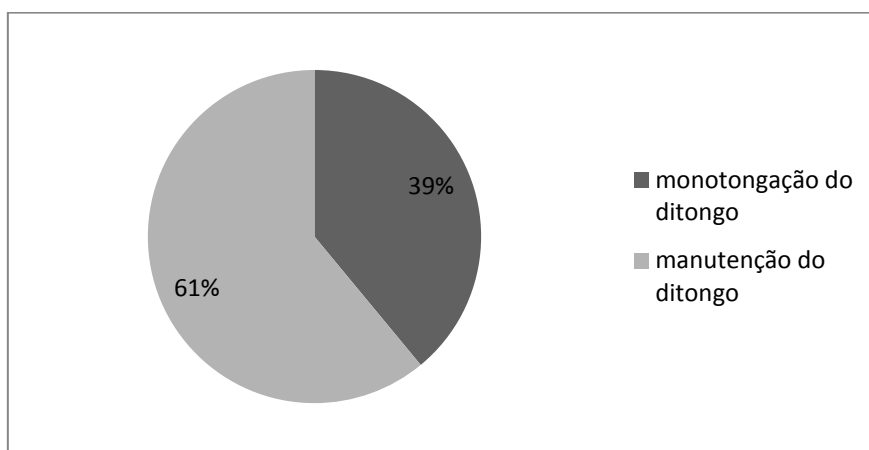
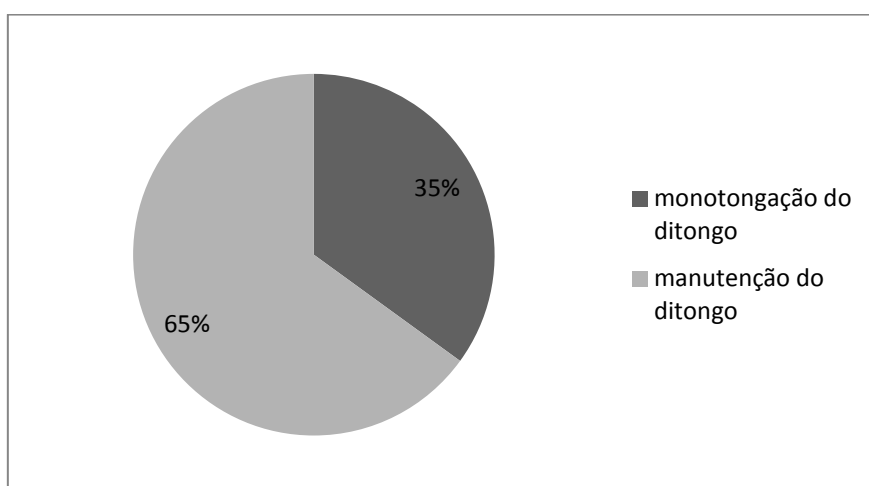


Gráfico 9 – Frequência Global da Monotongação de [ej] em dados do VARSUL (TOLEDO, 2010)



Nos Gráficos 8 e 9, em que temos a distribuição geral de monotongação do ditongo [ej], podemos perceber que não há uma diferença significativa entre os dados das entrevistas do NURC e do VARSUL, que representam um intervalo de tempo de quase trinta anos: no NURC, observaram-se 39% de aplicação da regra variável; enquanto, entre informantes do VARSUL, houve 35% de ocorrência de monotongação.

### Considerações Finais

Em nosso estudo sobre o fenômeno de variação de monotongação do ditongo decrescente /ej/, propusemos uma análise em tempo real, comparando as amostras provenientes dos Projetos NURC (início dos anos 70) e VARSUL (recontato no fim dos anos 90). A análise dos resultados aponta a monotongação de [ej] como um fenômeno

estável de variação, sem indício de mudança em progresso.

Esperamos que nosso trabalho possa contribuir para a descrição da variação linguística no português falado no Sul do Brasil.

## Referências

AMARAL, Marisa Porto do. Ditongos variáveis no sul do Brasil. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 40, n 3, p. 101-116, 2005.

BISOL, Leda (org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4ª Edição revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

\_\_\_\_\_. Ditongos Derivados. In: *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 10, p. 123-140, 1994.

\_\_\_\_\_. O Ditongo na Perspectiva da Fonologia Atual. In: *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 05, n. 2, p. 185-224, 1989.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. A redução de ditongos decrescentes seguidos por fricativa em coda no açoriano catarinense. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela. (orgs.). *Português do Sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p 34-49.

\_\_\_\_\_. A análise de regra variável e o programa Varbul 2S. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia Regina. (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDPUCRS, 2002. p. 13-75.

CABREIRA, Sílvio Henrique. A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 29, n 4, p. 129-141, 1994.

\_\_\_\_\_. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. 1996. 115fls. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

\_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. (orgs.). *The Handbook of Language Variation and Change*. London: Blackwell, 2003.

LABOV, William. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

SANKOFF, David; LABOV, William. On the uses of variable rules. In: *Language in Society*, v. 8, n 2, p.189-222, 1979.

TAGLIAMONTE, Sali. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2005.

SAUSURRE, Ferdinand. Trad. Antônio Chelini et alii. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1981.

TOLEDO, Eduardo Elisalde. A Monotongação do Ditongo Oral Decrescente [ej] em Porto Alegre. *Cadernos do IL*. Porto Alegre, n 40, p. 134-160, 2010.

WEINRICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Trad. Marcos Bagno. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

Recebido em março de 2013.

Aceito em junho de 2013.